

Experiências de visualização do texto falado na prática teatral

Maurilio Andrade Rocha ⁱ, Stéphanie de Souza Araújo Leal ⁱⁱ
Natália Claret Alves dos Reis ⁱⁱⁱ, Maria Isabel Barbosa Falcão ^{iv}
Clara Fernandino Dias ^v, Marcus Vinícius de Carvalho ^{vi}
Alex Antônio Oliveira Bonfim ^{vii}, Renata Lanier Jardim Alves Santana ^{viii}
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil ^{ix}

Resumo - Experiências de visualização do texto falado na prática teatral

Este artigo apresenta experiências de ensino/aprendizagem de voz inseridas na disciplina *Estudos Vocais e Musicais A* do curso de Teatro da UFMG. Com foco na técnica de visualização de imagens a partir do texto e como isso se reflete na fala cênica, e tendo também como referência textos publicados por Maria Knebel, colaboradora de Stanislavski, apresentamos as experiências e discussões geradas pela prática com textos dramáticos e poemas dentro da disciplina ministrada na modalidade remota emergencial em 2020/2021.

Palavras-chave: Voz. Teatro. Visualização. Imaginação. Interpretação.

Abstract - Experiences of visualization of the text spoken in theatrical practice

This paper presents voice teaching / learning experiences inserted in the subject *Vocal and Musical Studies A* of the Theater course at the Federal University of Minas Gerais, Brazil. Focusing on the technique of visualizing images from the text and how this is reflected in the scenic speech, and taking as a reference texts published by Maria Knebel, Stanislavsky collaborator, we present the experiences and discussions generated by the practice with dramatic texts and poems within the subject taught remotely in 2020/2021.

Keywords: Voice. Theater. Visualization. Imagination. Acting.

Resumen - Experiencias de visualización del texto hablado en la práctica teatral

Este artículo presenta experiencias de enseñanza / aprendizaje de voz en el contexto de la asignatura *Estudios Vocales y Musicales* del curso de Teatro en la Universidad Federal de Minas Gerais. Centrándonos en la técnica de visualización de imágenes del texto y cómo esta se refleja en el discurso escénico, y teniendo como referencia textos publicados por Maria Knebel, colaboradora de Stanislavski, presentamos las experiencias y discusiones generadas por la práctica con textos dramáticos y poemas dentro de la asignatura ministrada de manera remota en 2020/2021.

Palabras clave: Voz. Teatro. Visualización. Imaginación. Interpretación.

Desde a suspensão das aulas presenciais em março de 2020 devido à pandemia da COVID-19 o curso de graduação em Teatro da UFMG tem se deparado com o imenso desafio de oferecer disciplinas, em grande parte práticas, aos seus estudantes, de forma remota pela internet. Este desafio implica no enfrentamento de questões fundamentais que tensionam o próprio conceito do Teatro e seu ensino, como a co-presença, o teatro pela internet, o afeto, a prática vocal, dentre outros.

Nesse contexto, buscamos prosseguir com as disciplinas relacionadas ao ensino/aprendizagem da Voz e da Música no Teatro, adaptando procedimentos já utilizados e criando outros novos para o Ensino Remoto Emergencial (ERE), com o objetivo de enfrentar os desafios pedagógicos que a pandemia nos ofereceu nos anos de 2020 e 2021.

Neste artigo iremos apresentar as experiências vividas no segundo semestre de 2020 (dezembro de 2020 a março de 2021) na disciplina *Estudos Vocais e Musicais A* do curso de Teatro da UFMG, na modalidade ERE, em que trabalhamos com textos teatrais e poéticos, praticamos a visualização de palavras e refletimos sobre todo o processo sob a luz do pensamento de Stanislavski, por meio de textos de Maria Knebel, uma de suas principais colaboradoras.

O processo

No decorrer de um semestre letivo foram trabalhados a íntegra da peça *O último Godot*, de Matéi Visniec (Visniec, 2012), romeno naturalizado francês; cartas trocadas entre personagens da peça *O Vilarejo do Peixe Vermelho*, do dramaturgo e diretor teatral Anderson Aníbal (Aníbal, 2010) e poemas de Ana Martins Marques, extraídos dos livros *A vida submarina*, *Da arte das armadilhas* e *O livro das semelhanças* (Marques, 2009; Marques, 2011; Marques, 2015).

Durante o trabalho em sala de aula online e nos ensaios individuais e em duplas os participantes foram provocados a identificar quem fala (ou escreveu) o texto; a identificar a motivação, as razões, o **porquê** se fala; a conectar-se às possíveis **sensações interiores** do (a) autor (a); identificar **como o texto escolhido afeta** cada um como indivíduo, e a exercitar a **visualização** dos elementos principais do texto. Após estes exercícios que guiaram os ensaios

individuais e em duplas, os participantes gravaram os textos escolhidos e postaram as gravações nas plataformas Moodle ou TEAMS, utilizadas pela UFMG.

Algumas das gravações resultantes dos trabalhos com os poemas de Ana Martins Marques podem ser ouvidas na plataforma *Soundcloud* por meio do link <https://soundcloud.com/maurilio-rocha/sets/poemas-de-ana-martins-marques>

Algumas das gravações resultantes dos trabalhos com cartas extraídas da peça *O Vilarejo do peixe Vermelho* podem ser ouvidas na plataforma *Soundcloud* por meio do link <https://soundcloud.com/maurilio-rocha/sets/cartas-de-o-vilarejo-do-peixe-vermelho>

No decorrer das atividades com os textos citados anteriormente, os participantes foram chamados a escrever suas reflexões em um fórum de discussão *online*, provocados pela leitura de dois textos intitulados *Visão*, extraídos do livro *Análise-Ação: Práticas das ideias teatrais de Stanislavski*, de Maria Knebel (2016). Os participantes deveriam relacionar as leituras dos textos *Visão* com os trabalhos desenvolvidos na disciplina com os diferentes textos dramáticos e poemas, além de suas experiências anteriores, dentro e fora da escola.

Maria Knebel (1898-1985) foi atriz e uma das mulheres pioneiras na direção teatral, função que exercia já em 1935. Foi também uma das mais proeminentes discípulas de Stanislavski, tendo trabalhado com ele na formação de atores e como assistente de direção. A publicação de Maria Knebel, disponível em língua portuguesa e que aqui nos serve de referência, reúne dois trabalhos da autora: *Sobre a análise ativa da peça e do papel*, publicado originalmente em russo em 1959 e *A palavra na arte do ator*, publicado em 1954. Este último trabalho é baseado nas anotações de Knebel referentes ao curso sobre *Ação verbal no sistema de Stanislavski*, que ministrou em 1954 e que vem divulgar de forma detalhada e precisa um aspecto pouco conhecido dentro das pesquisas de Stanislavski: a questão da palavra na arte da interpretação teatral. Para Knebel, a ação nascida da palavra é um dos mais importantes componentes do Teatro, pois “atinge diretamente o espectador e age sobre ele” (Knebel, 2017, p. 19).

Os dois textos intitulados *Visão* presentes no livro referência de Knebel, um de cada um dos dois livros originais que compõem a obra, abordam de forma iluminadora a questão da visualização das palavras na prática teatral:

Quanto mais o ator for capaz de enxergar ativamente os fenômenos vivos da realidade por trás das palavras do autor, de despertar em si mesmo as representações daquilo que fala, mais fortemente agirá sobre o espectador. O ator consegue conquistar nossa atenção quando vê aquilo sobre o que precisa falar, aquilo de que precisa convencer o parceiro em cena, com suas imagens psíquicas, convicções, crenças e emoções. A esfera de imagens e associações que podem ser reveladas ao espectador depende total e completamente daquilo que está inserido na palavra, do que emerge por trás dela na imaginação do artista, do modo como ela é dita (Knebel, 2016, p. 69).

Fórum de discussão online

As reflexões geradas pelas vivências práticas com os textos dramáticos e poéticos já citados, iluminadas pela leitura integral dos dois textos *Visão* são a essência deste artigo.

Nesta seção iremos transcrever as reflexões dos participantes postadas no Moodle. Optamos por este formato, sem maiores edições, para prestar uma homenagem ao recurso utilizado por Stanislavski em alguns de seus principais livros. Neles, o autor assumia as personagens de professor e aluno, utilizando os heterônimos Tortsov para o professor e Naznánov para o aluno imaginário, que era também estenógrafo e que decidiu registrar as aulas de Tortsov na forma de um diário (Stanislavski, 2017).

Longe de pretender comparar as reflexões deste artigo com a importância dos escritos seminais e transformadores de Stanislavski, nossa homenagem ao mestre russo se dá principalmente pela constatação de que, no processo aqui relatado, as fronteiras entre professor e alunos estiveram sempre atravessadas por relações de troca, em que todos aprenderam, se modificaram e se afetaram pelo fazer teatral.

Em nosso caso, no lugar dos diários fictícios de Naznánov, apresentamos reflexões deles derivadas e postadas em fóruns online, dezenas de anos depois.

Na transcrição dos diálogos mantivemos também as manifestações de afeto que permearam o trabalho da turma e que foram o sentimento fundamental presente nas cartas extraídas da peça *O Vilarejo do Peixe Vermelho* e nos poemas de Ana Martins Marques trabalhados no semestre.



Imagem 1. Encontro online da disciplina Estudos Vocais e Musicais A, do curso de Teatro da UFMG, 2021. (Presentes no *print* de tela: Maurilio, Isabel, Clara, Renata, Stéphanie, Claret, Kelly e Marcus).

Claret - “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.¹ O ensaísta uruguaio Eduardo Galeano, ao tentar exprimir a função da arte, contou uma história que me faz refletir sobre o texto de Knebel: havia um menino que tinha um grande sonho, conhecer o mar. O pai então o levou, e quando finalmente, pode enxergar a grandeza que é o mar, o menino diz espantado: “Me ajuda a olhar?”. Acredito que a arte da interpretação teatral possa ser este apontamento diante das *visões* da vida. Vida que se encarrega em suas peripécias, se transformando, tão imensa quanto o mar. Essa é a nossa função diante do público - ajudar a *olhar* através de palavras e gestos.

Assim, torna-se precioso para quem vê, quando a pessoa que encena consegue transpassar em um joguete as visualidades da palavra. É necessário, mais do que nunca, escolher a dedo as palavras ditas, principalmente sob o viés dos tempos vividos entre as crises sociais e em relação às nossas existências. E isso chegará de forma intensa a quem assiste, quando se tem a profunda noção de “um olhar longo e repetido sobre o objeto, que cada vez mais adquire detalhes e minúcias” (Knebel, 2016, p.149). Para conseguir desenvolver esse olhar minucioso, Knebel propõe algo significativo a nós atrizes - emprestar as nossas memórias aos dizeres - isso só se torna possível quando se aprende a olhar para o interior da

¹ Epígrafe do livro *Ensaio sobre a cegueira* do romancista José Saramago.

vida com profundidade (ibidem, p.156), assim “quanto mais conhecemos a vida, mais frutífera é a nossa imaginação” (ibidem, p.74). Deste modo, é importante ressaltar que a memória e a imaginação andam juntas, com o poder de trazer visualidades para as palavras.

Observa-se, então, que é fundamental que os *praticantes do dizer* desenvolvam um vasto arcabouço de vivência, um estado grande de presença diante da vida, para que cada pedaço da existência possa se transmutar em gatilhos para atuar. Knebel, aponta isto quando diz que “o ator, quando se encontra com pessoas diferentes, quando vai a museus e exposições, quando escuta música e lê poesia, acumula material para o seu papel” (ibidem, p.71). É preciso ter essa abertura, como uma esponja, para que a vida possa realmente penetrar, dar-se o direito ao ócio.

É importante pontuar, que, diante do sistema econômico em que vivemos, isso é algo sensível: não sentir culpa em estar a observar, sem produzir. Como diria Manoel de Barros em seu poema *O apanhador de desperdícios*, é necessário dar o devido respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezar mais por insetos do que por aviões. Prezar a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Ter em nós um atraso de nascença.

Ao falar sobre uma perspectiva individual, enquanto atriz, tento ter “este atraso de nascença”. A procurar contemplar o tempo de cada coisa - desde observar as matérias naturais (céu, árvores, pássaros) até estar atenta às pessoas que cruzam o meu caminho. Porque todas são recheadas de trajetórias, caminhos e histórias surpreendentes que, no final, refletem-se no meu trabalho e nas sabedorias adquiridas. Isso tudo me fez lembrar, já que estamos a falar da memória, de um professor-ensaiador, que tive no Arena da Cultura, o Prof. João Valadares. Ele pedia pra que fizéssemos uma ação qualquer, como balançar excessivamente o braço, até o corpo incorporar a uma memória. Assim, poderia reviver no corpo aquela memória de infância em que, ao balançar o braço, você imitava perfeitamente o voo de um pássaro. Por meio deste mecanismo nascia uma cena. Tento fazer o mesmo com as palavras - deixar que elas, no seu ato mais simples, inundem o corpo e a voz. Acredito que as palavras carregam em si os seus próprios significados, tanto nos fonemas quanto nas memórias que elas evocam. Anne Bogart escreveu algo muito bonito ao falar da memória e que se conecta diretamente com as *Visões* de Knebel: “Se o teatro fosse um verbo, seria o verbo lembrar” (Bogart, p. 30). Assim, ao lembrar, olhamos. Ao olhar, reparamos. E ao reparar, acontece a magnitude dos dizeres.

Marcus - Oi, Claret. “Praticantes do dizer”... Que coisa linda... Especialmente, porque você reconhece a importância do exercício da escuta/vivência para quem pretende ser ouvido. Concordo muito com essa ideia. Acho um desafio delicioso vivenciar a vida em eterno aprendizado, deixando que cada experiência constitua pouco a pouco o seu *EU*.

Thaise - Claret, é linda a percepção de que, do seu redor, se pode extrair muitas *visões* para seu trabalho como atriz. Tenho esse pensamento também, de que tudo que passa por nós de alguma forma vai servir para uma cena ou um texto. Fica impregnado em nós. Obrigada pela troca.

Clara - Que lindeza, Claret! Também me emociono ao te ler e, como num sopro, sentir-me surpreendentemente reconectada com a magia do teatro que tanto nos encanta e, que, por vezes, nós mesmos esquecemos. Lembremo-nos! Todos os dias. “Aprendamos a olhar para o interior da vida”... Sua sensibilidade me transporta a reflexões sobre o tempo em que vivemos, tão ironicamente desconectados, às vezes, das pequenas ternuras da vida que habitam as pequenezas, as delicadezas e a pureza das poesias escondidas por aí. Ou, talvez, nem tão escondidas, mas translúcidas, ou até mesmo invisíveis aos nossos olhos já turvos. É preciso cuidar dos nossos olhares, são nossos bens mais precisos! Obrigada pela sua *visão*!

Stéphanie - Ah, Claret! Que presente essa sua reflexão. Me senti tão atravessada e emocionada! Me identifico muito com esse “atraso de nascença” que você trouxe. Me questiono sempre: Como deixar fluir essa maneira de estar no mundo quando ele é tão veloz e tudo é tão urgente? Respeitar nosso próprio tempo vira um grande desafio. Mais do que nunca percebo o quanto é importante achar esses pequenos respiros na vida.

Stéphanie - Fiquei bastante tempo digerindo todas as coisas que foram colocadas nos textos da Knebel e percebi que essas palavras conseguiram me fazer refletir com mais profundidade sobre o quanto essa questão de criar imagens, trazer memórias nossas para a interpretação e construção de personagens, vem me afetando de uma forma tão positiva e extraordinária. Acho que nunca prestei tanta atenção na sutileza, detalhes, sensações e poesia das coisas. Durante a quarentena estou o tempo inteiro fazendo experimentações que me

tiram de um lugar confortável, de simplesmente deixar passar, sem significar. Às vezes parece meio óbvio ou trivial o fato de que todas as nossas experiências são um material de estudo e esse texto me despertou de uma maneira muito profunda sobre a importância de estar mais no “aqui e agora”, percebendo com detalhes tudo que faz parte da nossa vida.

Outra coisa que me surpreendeu também foi sobre a comunicação com as próprias *visões*. Pela primeira vez entendi como é necessário se organizar para conseguir transparecer a sua verdade, conseguir se comunicar e também a importância de saber ouvir, treinando fundamentalmente a empatia e a receptividade com o outro. Entender que é necessário haver uma troca, mostrar as minhas imagens vivas para outra pessoa e estar aberta a receber as imagens vivas dela.

Realmente gostei de ler esses textos nesse momento em que estou me descobrindo e descobrindo como acessar esse material que temos dentro de cada um de nós. Muitas ideias pré-concebidas vão sendo ressignificadas a cada experiência, e isso me fez pensar em como é importante ser uma pessoa devoradora de conhecimentos, criando novas memórias, novas ações e novas imagens.

Maurilio - Oi Stéphanie, também acho que uma das melhores coisas de ser artista é se deixar modificar pela vida, desenvolver a empatia e a receptividade. Que bom que vocês estão citando o papel da memória no trabalho com o texto e percebendo a importância de estarem sensíveis à vida.

Thaise - O texto me mostrou a importância de se atentar para a *visão* como um patrimônio de imagens visuais, que se enriquece ao longo das vivências pessoais de cada um. Isso faz do ator um cultivador de memórias, sensações e palavras. Fornece ao ator recursos que o impulsionam para uma atuação mais viva. Isso me faz refletir sobre toda a minha trajetória como atriz e como pessoa e o quanto minhas vivências e memórias pessoais, de certa forma, sempre estiveram presentes em cada personagem ou em cada texto que me propus a interpretar.

E me lembra Stanislavski que pedia a seus atores que não falassem aos ouvidos do público, mas aos olhos. Essa fala me fez analisar a diferença entre a palavra no meu cotidiano e a palavra para o eu-atriz. Na minha vida pessoal sou muito falante e quase nunca fico calada. Já quando estou em cena procuro me ouvir, ouvir à minha volta e, principalmente, os outros

atores. Lembro-me de sempre tentar me comunicar com os olhos do parceiro de cena antes mesmo de qualquer fala. Gosto particularmente de me conectar com o olhar do outro em cena. Houve ocasiões em que eu não me lembrava das falas do texto e o meu parceiro de cena percebeu só de olhar nos meus olhos e me ajudou a me acalmar. O seu olhar me resgatou para a personagem.

Creio que, assim como no texto e no nosso trabalho nessa disciplina, a palavra que existe no texto ou na canção será consequência de um olhar atento ao outro e de uma escuta profunda para dentro de si, das suas visões e imaginações pessoais.

Vejo como está sendo difícil, pelo menos pra mim, fazer apresentações cênicas nesse formato online. A falta de contato com o olhar do outro me faz me sentir um pouco perdida. É outra forma de aprendizado que estou tendo, de me desconectar em tempos em que é obrigatório estar conectado.

Quero agradecer pelo texto, que me fez resgatar conceitos e reafirmar algumas conquistas.

Clara - Muito importantes essas reflexões e auto-observações. Sobre esse assunto, flagro-me também pensativa a respeito de como organizar o estudo das e nas Artes Cênicas, de modo a equilibrar disciplina e criatividade, rigor e espontaneidade, foco e ócio. Afinal, o estudo do artista parte muito de seu próprio olhar para a vida cotidiana, não é? E o fato de nos sensibilizarmos para dar atenção a esse olhar já se torna, em si, um gesto artístico, extra cotidiano. Dessa forma, acredito muito nesse percurso da auto-observação, da percepção apurada da vida, da reflexão constante como exercício contínuo de formação criativa para o Teatro, assim como acredito ser extremamente importante também o estudo mais direcionado, minucioso e, principalmente, diário das técnicas teatrais. Acredito que podemos encontrar, aos poucos, as melhores maneiras de equilibrar o tempo dilatado e divagante do ser artista com o tempo preciso e disciplinado do fazer artístico.

Claret - Oi, Stéphanie. Fiquei bastante contente em ler você, e suas (nossas) investigações em torno das imagens. E achei interessantíssimo quando você avança sobre as nossas discussões para falar da empatia: “Entender que é necessário haver uma troca, mostrar as minhas imagens vivas pra outra pessoa e estar aberta a receber as imagens vivas dela”.

Fiquei pensando, Thaise, através do seu texto, sobre a importância do silêncio e da quietude para o nosso trabalho. E que a pausa é a potência para as palavras serem o que elas são. Ainda não tinha pensando sobre isso. Na música isso é muito evidente e agora ficou mais fácil entender que isso também acontece com as palavras. E, realmente, estamos vivendo tempos sem muitos olhares-outras, o que nos resta é este mergulho interno (acho que isso é um pouco dos apontamentos da Stéphanie). Tempos difíceis... O que fazemos com isso? Me pergunto todo Santo Dia.

Sobre o que você fala, Clara, concordo plenamente. Equilíbrio é tudo o que nos sustenta. Ainda mais quando pensamos no conflito entre devaneios e disciplina. Talvez o equilíbrio em si não exista, mas a busca é preciosa. Me deparo, por vezes, a observar demais a vida. É aí que está o encontro, por exemplo, com o corpo de uma personagem. Depois, dá-lhe disciplina para entender como isto funciona de forma orgânica.

Marcus - Tive um pouco de dificuldade de correlacionar os textos lidos com a minha experiência nessa disciplina. Todavia, já nas primeiras linhas do texto em questão me deparei com algumas ideias a respeito da palavra na cena que me remeteram diretamente às aulas de que participei ou que assisti de forma assíncrona. Uma delas é “O ator consegue conquistar nossa atenção quando vê aquilo sobre o que precisa falar” (Knebel, 2016, p. 69). Penso que, embora tal afirmação tenha sido feita referindo-se ao texto no teatro, faz-se relevante também para a música. Quando um cantor ou cantora tem um maior entendimento do que quer transmitir ao interpretar uma canção, suas intenções se tornam muito mais compreensíveis ao ouvinte. Em ambas as artes o ato de conquistar a atenção do público está diretamente ligado ao ato de proporcionar a ele uma compreensão do que se pretende com cada palavra do texto dito ou cantado. Isso pode gerar no ouvinte a visualização daquilo que lhe é dito. Nas palavras de Stanislavski, não falem tanto aos ouvidos, mas sim aos olhos... A leitura dos textos de Maria Knebel me levou a reflexões sobre o significado da palavra interpretação.

Isabel - Olá Marcus, seu comentário e sua reflexão me fizeram refletir também. Eu nunca tinha parado realmente para analisar a palavra interpretação e o que ela pode significar de uma forma mais profunda.

Maurilio - Importante você trazer a palavra Interpretação, Marcus, pois é nesse sentido que o texto caminha. Cada um terá sua própria forma de responder às perguntas que temos usado na abordagem do texto teatral, por isso cada um terá sua própria interpretação de cada texto. Lembrando que, em nossos exercícios, as limitações para essa interpretação são dadas pelo próprio texto.

Claret - Fico pensando... Talvez este processo de interpretação, e os limites do texto, se dê de uma forma fluida. Já que carrega em si a peculiaridade e a trajetória de cada um. Pense que quem escreve tem memórias e vivências. Quem diz, também. A arte da interpretação, então, se transforma em um emaranhado de pessoas-memórias.

Inclusive, Marcus, achei muito válido seu apontamento sobre a interpretação e partilho do sentimento de ter instaurado algumas reflexões que não foram respondidas. Que bom, não é? Porque aí que mora o caminhar.

Renata - Esses textos foram muito esclarecedores em muitos aspectos pra mim. Os detalhes das ações modificam muito a consciência da cena e dos personagens. E associei a técnica de visualização com as aulas que tivemos, o que me fez lembrar de quando o Professor Maurilio nos deu a tarefa de visualizar a letra de uma canção e trazer esse trabalho para a interpretação da música, resgatando imagens guardadas na memória. Achei interessante esse modo de entender o mecanismo de ouvir. Grande aprendizado.

Clara - Essa reflexão sobre a visualização como matéria prima para a interpretação é realmente instigante. Muito me inspirou quando vocês falaram sobre a necessidade de “aprender a olhar para o interior da vida” como estudo diário de ator-criador, a fim de desenvolver o hábito de se comunicar interpretando e de se interpretar comunicando. Afinal, toda mensagem requer sentido para ser dita e também recebida.

Isabel - O texto me remeteu a alguns momentos que vivi em aulas de outras disciplinas, sobre como a voz expressa o que estamos sentindo e como ela muda de acordo com a mudança dos nossos sentimentos. Nesta disciplina também vivenciamos isso. Quando lemos os poemas e os textos dramáticos fomos sempre provocados a usar nossa imaginação e

realmente ver o que estávamos falando, e quanto mais víamos, mais real o texto parecia para os colegas que ouviam.

A diferença ao ler um texto imaginando e vivenciando o que se está lendo e lê-lo sem se preocupar com isso é enorme. O espectador pode ficar muito mais envolvido na cena quando o ator usa o recurso da visualização.

Ao me conectar com o texto, fiz alguns questionamentos. Por que na vida cotidiana conseguimos visualizar tão nitidamente o que falamos ao tentar fazer com que nosso interlocutor veja o que estamos falando, mas em cena nós não nos preocupamos tanto com isso? Por que não é algo que vem naturalmente, como vem quando estamos conversando com alguém cotidianamente?

Marcus - Olá, Isabel. Também já questionei isso algumas vezes. É estranho não conseguir, ou demorar para conseguir, realizar na cena algo que realizamos com tanta naturalidade fora dela. Mas acontece... Os exercícios de imaginação/visualização propostos na disciplina, com certeza, têm muito a ajudar neste ponto.

Maurílio - Penso que o trabalho em cena requer o desenvolvimento de habilidades extra cotidianas. Por isso é importante o treinamento de interpretação com a voz, tanto para vencer os hábitos de pronúncia quanto para visualizar o que dizemos. Como dizia Eugenio Barba, é preciso saber o texto de coração, não só de cabeça ou decorado.

Stéphanie - Gosto bastante de refletir sobre isso que você colocou, Marcus, e fico pensando sobre o quanto, na vida real, nós realmente visualizamos o que queremos falar e nos escutamos. Pois me percebo, muitas vezes, simplesmente deixando várias palavras vazias saírem, como se fosse um texto decorado. Fico pensando no quanto é importante e necessário fazer mais esse exercício diariamente para desarmar a mecânica de certas ações que, às vezes, nem percebemos que são mecanizadas. Dessa forma, em cena, essa visualização e comunicação vai acontecer de uma forma mais fácil.

Claret - Fiquei pensando nisso por bastante tempo, Isabel. Será que não vem naturalmente, justamente por não ser natural? Embora o ato teatral possa ser, muitas vezes, espontâneo, ainda sim é artificial. Será? Também não sei. E concordo sobre o quanto são

necessários os estudos diários de autopercepção. A Stéphanie fala sobre desarmar a mecânica... Acho que é um bom apontamento para entender sobre as minúcias dos processos da interpretação. Porque somos o nosso meio, não é? Então, querendo ou não, em um mundo maquinário, irá respingar em nós a maquinação. Como superar?

Maurilio - É o que eu penso também. Não vem de forma natural pois não é natural. É um trabalho técnico e sensível que se constrói com a prática.

Alex - Lendo o texto me vieram à memória momentos em que a tensão para decorar o texto foi mais intensa do que a necessidade de realmente visualizá-lo. Li há muito tempo um texto em que a atriz Fernanda Torres citava uma dica que recebeu da sua mãe, a Fernanda Montenegro. A dica foi a de utilizar o momento de decorar o texto para ver exatamente um filme interior, de passar uma projeção nas suas memórias. Ela relatou que, para se dizer um texto, tem que haver um momento de hesitação. Afinal, o personagem não conhece todos os desdobramentos da sua própria história. O texto me remeteu a essa passagem, pois como estamos em cena, representando vidas humanas e cotidianas, há esse momento de olhar para si, de questionar sobre o que deve ser feito ou dito de fato. Eu tento trazer para cada personagem que represento esse enxergar, carregar uma vida humana com falhas, com dúvidas. Essa visualização da vida cotidiana é o principal ingrediente para tornar uma interpretação orgânica, viva. Consigo relacionar os textos de Knebel com a disciplina nesse sentido: cada frase, cada palavra requer uma visualização única. A visão nos transporta para uma dimensão de aproximação com a condição humana. Divago...

Clara - Imagino que um caminho possível seja mesmo aceitar a não naturalidade do fazer teatral, intrinsecamente representativo e, de alguma forma, ficcional. Mesmo quando autobiográfico. Afinal, fazer teatro é brincar com a realidade e não a viver verdadeiramente, não é? Ou nem sempre? Entra aí novamente o debate entre duas palavras de que gosto muito: veracidade e verossimilhança. Penso na primeira como uma referência à organicidade da vida real, ao tratamento fiel de uma obra artística à realidade, como vemos geralmente em biografias, documentários etc. Para mim, a verossimilhança diz respeito à coerência dramática dentro de uma obra ficcional, pois, embora irreal, pode ser plenamente crível e persuasiva em suas próprias narrativas. Portanto, seria possível criar pequenas verdades

dentro de uma obra ficcional, falsa, ou irreal? Como criar verdades inventadas? Como inventar desejos e sentimentos e, assim, certa lógica para os afetos? Será mesmo preciso inventar? Ou *acessar* seria uma palavra mais adequada? Como transportamos nossas referências vocais e gestuais do nosso cotidiano para uma outra realidade, dessa vez, ficcional? E assim repito a finalização de comentário do nosso querido Alex: “Divago...”.

Reflexões finais

Assim que ficou evidente que a pandemia da COVID-19 iria se estender por vários meses passou a ser imperativa a necessidade de se avaliar quais disciplinas do curso de Teatro da UFMG poderiam ser ministradas na modalidade de ERE. Imediatamente pareceu que as disciplinas relacionadas ao ensino/aprendizagem da Voz e da Música no Teatro poderiam ser adaptadas a essa modalidade, especialmente pelos resultados encorajadores que já havíamos colhido em atividades remotas realizadas antes da pandemia e que resultaram, por exemplo, no *podcast* Palavra Falada².

A indisponibilidade naquele momento de um software que reduzisse o *delay* entre os participantes de aulas síncronas e a variação da qualidade da internet entre os participantes inviabilizou a prática do canto em grupo, um dos principais enfoques pedagógicos das disciplinas de Voz e Música do curso. Por isso, as abordagens adotadas na disciplina Estudos Vocais e Musicais A se concentraram sobre a voz falada.

Para tanto, utilizamos textos teatrais e poemas em abordagens síncronas e assíncronas, tanto as consideradas práticas como as de escopo teórico. No entanto, a relação intrínseca e indissociável da teoria e da prática ficou evidente no decorrer da disciplina e foi revelada pelas postagens dos participantes nos fóruns de discussão aqui apresentados.

Como se sabe, a palavra Visão apresenta uma grande variedade de significados na língua portuguesa, assim como suas derivadas Visualizar e Visualização, também presentes nas reflexões apresentadas neste artigo.

² Confira em <https://soundcloud.com/mariana-muniz-288105407> os oito episódios do *podcast* Palavra Falada, projeto interdisciplinar produzido pelos professores da UFMG Maurilio Rocha e Mariana Lima Muniz em 2020, em que estudantes e artistas da cena teatral leem textos literários escolhidos por eles.

Podemos utilizar a palavra Visão para denominar o ato de ver na vida cotidiana; para imagens que julgamos ver em sonhos; para aspectos mágicos ou fantasiosos, como uma aparição fantástica; para um devaneio; uma percepção sobrenatural ou divina; uma opinião pessoal ou uma forma de julgar um determinado assunto (Visão, 2003-2021).

Apesar de Knebel utilizar o termo no sentido de *visão imagética*, como nos informa o organizador da obra de referência (Knebel, 2016, p. 69), pudemos perceber como várias possibilidades de significados apareceram nas reflexões aqui apresentadas. Percebemos que a prática de visualizar palavras de um texto nos exercícios teatrais aqui relatados esteve relacionada com a imaginação, com os afetos e as subjetividades individuais. Enfim, com o ato de converter palavras escritas por outra pessoa em imagens visíveis mentalmente. Em algo real e significativo para quem fala, e conseqüentemente para quem escuta, por meio da imaginação.

Referências

- ANÍBAL, Anderson. **O vilarejo do peixe vermelho**. Belo Horizonte: Anderson Aníbal, 2010.
- BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- KNEBEL, Maria. **Análise-ação: Práticas das ideias teatrais de Stanislavski**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MARQUES, Ana Martins. **A vida submarina**. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.
- MARQUES, Ana Martins. **Da arte das armadilhas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- STANISLAVSKI, Konstantín. **O trabalho do ator: diário de um aluno**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- VISÃO. In: **DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa (online)**. Porto:Porto Editora, 2003-2021. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/visao>>. Acesso em 11 abr. 2021.
- VISNIEC, Matéi. **O último Godot**. São Paulo: É Realizações, 2012.

Artigo recebido em 15/04/2021 e aprovado em 03/06/2021.

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Maurilio Andrade Rocha - Professor Associado da Escola de Belas Artes da UFMG, atuando na graduação em Teatro nas áreas de voz e música e nos Programas de Pós-graduação em Artes e ProfArtes. mauriliorochal3@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0271583492196162>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7625-8222>

ⁱⁱ Stéphanie de Souza Araújo Leal - Graduada em Teatro pela UFMG. Artista da cena, investiga a escrita poética e a musicalidade em cena. stetesall97@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0371875794133938>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3396-3711>

ⁱⁱⁱ Natália Claret Alves dos Reis - Graduada em Teatro pela UFMG. Desenvolve pesquisa (IC - CNPQ) sobre o teatro documentário na América Latina, com enfoque especial para as mulheres e suas trajetórias de invisibilidade. tataclaret17@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4942096150393203>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1941-6175>

^{iv} Maria Isabel Barbosa Falcão - Graduada em Teatro na UFMG. Artista da cena, pesquisadora do ensino de Teatro na Escola Básica. mariaisabelbarbos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6000723386423196>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0468-9330>

^v Clara Fernandino Dias - Graduada em Teatro na UFMG. Artista da cena, da música e também professora de canto, investiga a musicalidade no processo criativo e formativo teatral. claraernestdias@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0854660180142438>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1562-5399>

^{vi} Marcus Vinícius de Carvalho - Graduando em Teatro pela UFMG. Multiartista, é diretor do grupo Teatro Negro e Atitude com pesquisa cênica voltada para a cultura popular brasileira de matriz africana. marcuscarvalho.preto@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4692389587565441>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7746-5012>

^{vii} Alex Antônio Oliveira Bonfim - Graduando em Teatro na UFMG. Ator, produtor e diretor teatral há mais de 20 anos e membro fundador do grupo de teatro Cia da Farsa. alexzanonn@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8921407400513510>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4537-5140>

^{viii} Renata Lanier Jardim Alves Santana - Graduada em Teatro na UFMG. Atriz, professora, produtora e pesquisadora na linguagem do jornalismo com ênfase na comunicação e no fazer teatral. renattalanier@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1342998158614685>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0731-9754>

^{ix} This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

